



KnoWhy #400

Julho 26, 2018



Por que temos três relatos diferentes da Criação?

“E então, eis que se Adão não houvesse transgredido, não teria caído, mas permanecido no jardim do Éden. E todas as coisas que foram criadas deveriam ter permanecido no mesmo estado em que estavam depois de haverem sido criadas.”

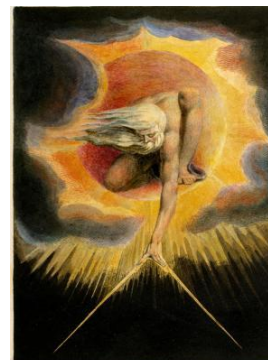
2 Néfi 2:22

O conhecimento

Os santos dos últimos dias têm três relatos bíblicos diferentes da criação: um em Gênesis, um no livro de Moisés e um no livro de Abraão. A princípio, alguém pode se perguntar por que isso acontece. Um aspecto importante a ser considerado é que o fato de uma história ter várias versões não significa que elas estejam incorretas. Por exemplo, Mateus, Marcos e Lucas são todos livros verdadeiros e sagrados das Escrituras, no entanto, cada um apresenta uma versão diferente da vida de Jesus Cristo e Seu ministério. Parece que algo semelhante aconteceu com os primeiros relatos da Criação.

Abraão, Moisés e Gênesis não apenas contêm diferentes versões da criação, mas várias passagens bíblicas fornecem pistas de que havia mais versões. Em Gênesis 1, por exemplo, ficamos sabendo que a Criação a partir do caos levou seis dias, começando

com a luz e terminando com os seres humanos. Gênesis 2, por outro lado, não faz menção ao número de dias. Além disso, é mencionado que o homem foi criado primeiro, depois o Éden, plantas, animais e, finalmente, a mulher. Ezequiel 28:12-19 acrescenta que o Éden era o “jardim de Deus” e descreve uma figura chamada de “querubim, ungido para cobrir”. Este era um guardião que usava um peitoral como o dos sumos sacerdotes, com pedras preciosas (v. 13).



No livro de Jó, por outro lado, Deus “fundava a terra” (Jó 38:4), “pôs as medidas” e “estendeu sobre ela o cordel” (v. 5). Ele também fundou seus alicerces e “sua pedra de esquina” (v. 6) e “quem encerrou o mar com portas” (v. 8). No Salmo 104, Deus criou a terra estendendo “os céus como uma cortina” (v. 2) e colocando “nas águas as vigas das suas câmaras” (v. 3). Ele também “lançou os fundamentos da terra” (v. 5), cobrindo a terra com água e estabelecendo limites que eles não podem ultrapassar (v. 9) e fez “a lua para as estações” (v. 19).

Esses exemplos sugerem que vários relatos da Criação circulavam entre os crentes na antiguidade e eram aparentemente conhecidos pelos autores do Velho Testamento. Isso também abre a possibilidade de que os profetas do Livro de Mórmon estivessem cientes de outros relatos da Criação, além daquelas encontradas em Gênesis.

Em 2 Néfi 2, por exemplo, Leí forneceu detalhes adicionais sobre a história do Jardim do Éden, que não são mencionados no relato de Gênesis. Ele descreve o fruto da Árvore da Vida como doce e o fruto proibido como amargo (2 Néfi 2:15). Ele também explicou que Adão e Eva “não teriam tido filhos” (v. 23) se tivessem permanecido no Éden, e que “Adão caiu para que os homens existissem; e os homens existem para que tenham alegria” (v. 25). Leí se refere à participação do fruto como a “queda” (2 Néfi 2:22, 25, 26), e comparou a serpente ao diabo (2 Néfi 2:17–18), o que Gênesis faz apenas indiretamente.

2 Néfi 2:17-18 parece sugerir que Leí teria uma versão de Gênesis com algumas semelhanças ao que está no livro de Moisés: “E eu, Leí, devo supor, pelo que tenho lido, que um anjo de Deus, de acordo com o que está escrito, caiu do céu; tornou-se, portanto, um diabo [...] E por haver caído do céu, tendo-se tornado miserável para sempre, procurou também a miséria de toda a humanidade” (vv. 17-18, ênfase adicionada). Aqui, Leí parece unir as ideias de Isaías 14:12 e Moisés 4:3-4. Esses detalhes sugerem que Leí teria conhecido relatos da Criação diferentes do de Gênesis.



Em todo o Antigo Oriente Próximo, a criação foi descrita como uma batalha entre o deus guerreiro e o monstro do caos, que muitas vezes era comparado ao oceano. Deus mataria o monstro, depois pegaria seu cadáver e moldaria o cosmos. Isaías 27:1 alude a isso: “o Senhor castigará com a sua espada dura [...] e matará o dragão, que está no mar”. O Salmo 89:8-10 também faz referência a esta história da criação: “Ó Senhor, Deus dos Exércitos [...] Tu dominas o ímpeto do mar; quando as suas ondas se levantam, tu as fazes aquietar. Tu quebraste Raabe como se fora ferida de morte”.

Jacó, o irmão mais novo de Néfi, também parece aludir às tradições da Criação em relação ao monstro do caos. Em 2 Néfi 9:10, 19 e 26, ele usou repetidamente o símbolo de um “terrível monstro” para se referir à morte e ao inferno. Isso sugere que, assim como os autores dos textos bíblicos, os profetas do Livro de Mórmon teriam conhecimento de relatos da Criação que foram amplamente compartilhados entre as culturas do Antigo Oriente Próximo.

O porquê

Essas alusões combinadas do Velho Testamento e do Livro de Mórmon mostram que os profetas antigos aparentemente se sentiam à vontade para citar diferentes versões do relato da Criação. Portanto, não devemos nos preocupar ao abrir nossas escrituras e ver três versões diferentes do relato da Criação. Pelo contrário, devemos apreciar as diversas informações que cada relato pode nos ensinar.



Noah G. Correa, “Quem criou Satanás?”, Central do Livro de Mórmon.

Jeffrey M. Bradshaw, “An Old Testament KnoWhy for Gospel Doctrine Lesson 3: The Creation (Moses 1:27-42; 2-3)”, KnoWhy JBOTL03A (8 de janeiro de 2018).

Daniel Belnap, “‘I Will Contend with Them That Contendeth with Thee’: The Divine Warrior in Jacob’s Speech of 2 Nephi 6–10”, *Journal of the Book of Mormon and Restoration Scripture* 17, no. 1–2 (2008): pp. 20–39.



© Central do Livro de Mórmon, 2018

Notas de rodapé

1. Para saber mais sobre isso, ver Daphna Arbel, “Questions about Eve’s Iniquity, Beauty, and Fall: ‘The Primal Figure’ in Ezekiel 28:11–19 and ‘Genesis Rabbah’ Traditions of Eve”, *Journal of Biblical Literature* 124, no. 4 (2005): pp. 641–655. Ver também Margaret Barker, *The Great High Priest: The Temple Roots of Christian Liturgy* (New York, NY: T&T Clark, 2003), p. 250.
2. Ver também Salmos 136:5–9. Descrições semelhantes podem ser encontradas em Provérbios 8:22–31, onde descreve como a sabedoria existia desde o início com Deus, antes da criação, e estava com Deus quando Ele criou os céus. Neste relato, Deus usou uma bússola para medir a profundidade das águas. Ele também deu um decreto ao mar, deu-lhe limites por mandamento e apontou os fundamentos da terra. Em Isaías, Deus similarmente “mediu com o seu punho as águas, e tomou a medida dos céus aos palmos”, etc. (Isaías 40:12), estendeu os céus como uma cortina e os estendeu como uma tenda (v. 22; cf. 42:5; 48:13) e chamou toda a criação “pelos seus nomes; por causa da grandeza das suas forças” (40:26).
3. David M. Calabro, “Lehi’s Dream and the Garden of Eden”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 26 (2017): p. 294.
4. Calabro, “Lehi’s Dream”, p. 294.
5. Calabro, “Lehi’s Dream”, p. 294. Pode haver mais por trás da palavra “serpente”. Originalmente, o sistema de escrita hebraica não escrevia sons de vogais. Assim, as três consoantes para “serpente” (נחש) têm muitas variações de significado como outras partes do discurso. Como substantivo, obviamente significa “serpente”. Como verbo, significa aliviar ou conceder conhecimento (Gênesis 44:15), e como adjetivo significa “bronze” (Esdras 8:27), com uma ligeira variação usada para descrever o brilho dos seres celestiais (Daniel 10:6). O estudioso bíblico Michael S. Heiser argumenta que ele pode ser entendido como um adjetivo substantivo em Gênesis 3:1 e traduzido/interpretado para descrever alguém que brilha (Michael S. Heiser, *The Unseen Realm: Recovering the Supernatural Worldview of the Bible* [Bellingham, WA: Lexham Press, 2015], p. 87). Assim, ele era uma serpente (jogada no chão/terra), um possuidor/revelador de conhecimento e um ser literalmente brilhante. Ele também desempenha o papel de enganador/adversário no conselho na morada de Deus (o jardim do Éden). Noah G. Correa, “Quem criou Satanás?”, Central do Livro de Mórmon.
6. Para saber mais sobre isso, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que Leí ‘supôs’ a existência de Satanás? (2 Néfi 14:12; Isaías 14:12)”, KnoWhy 43 (23 de fevereiro de 2017).
7. Daniel Belnap, “‘I Will Contend with Them That Contendeth with Thee’: The Divine Warrior in Jacob’s Speech of 2 Nephi 6–10”, *Journal of the Book of Mormon and Restoration Scripture* 17, no. 1–2 (2008): p. 23.
8. Para um estudo mais extenso sobre este tópico, ver Frank Moore Cross, *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973); Patrick D. Miller Jr., *The Divine Warrior in Early Israel* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973); John Day, *God’s Conflict with the Dragon and the Sea: Echoes of a Canaanite Myth in the Old Testament* (Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1985);

Leí usou a versão da narrativa do Éden disponível a ele para ensinar sobre oposição e arbítrio, provavelmente porque esse relato enfatizava esses tópicos. Jacó, por outro lado, usou o monstro do caos em seu relato da Criação para enfatizar como o poder de Cristo, através da Expição, pode nos salvar do caos da vida.

Seguindo os passos de Leí e Néfi, podemos extrair coisas diferentes das diferentes narrativas da criação disponíveis para nós. Em Gênesis 1, Deus fez com que tudo viesse à existência apenas dizendo isso, lembrando-nos de Seu poder. Moisés 2 deixa claro que Cristo foi a figura responsável pela Criação. Isso nos lembra de Seu papel central desde o início do mundo até o fim dele. Por fim, o Livro de Abraão deixa explicitamente claro que um conselho divino estava envolvido na criação da Terra, lembrando-nos da importância dos conselhos em nossa própria vida.

Ao lermos e compararmos os diferentes relatos da criação em nossas escrituras, podemos nos lembrar de que estamos em boa companhia. Como os profetas da antiguidade, podemos obter uma compreensão profunda das criações de Deus estudando cuidadosamente cada versão e aplicando suas várias verdades em nossa vida pessoal.

Leitura complementar

David M. Calabro, “Lehi’s Dream and the Garden of Eden”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 26 (2017): pp. 269–296, em 272–273.

Bernard F. Batto, *Slaying the Dragon: Mythmaking in the Biblical Tradition* (Louisville, KY: Westminster, 1992); Nicholas Wyatt, *Myths of Power: A Study of Royal Myth and Ideology in Ugaritic and Biblical Tradition* (Munster: Ugarit-Verlag, 1996); Martin Klingbeil, *Yahweh Fighting from Heaven: God as Warrior and as God of Heaven in the Hebrew Psalter and Ancient Near Eastern Iconography* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1999); Michael A. Fishbane, *Biblical Myth and Rabbinic Mythmaking* (Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2003).

9. Ver também o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que Jacó teria escolhido o símbolo de um ‘monstro’ para descrever a morte e o inferno? (2 Néfi 9:10)”, KnoWhy 34, (11 de fevereiro de 2017).
10. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que Jacó descreve Deus como um guerreiro divino? (2 Néfi 6:17)”, KnoWhy 277 (26 de dezembro de 2017).
11. Calabro, “Lehi’s Dream”, p. 295.